

O ENSINO DE CIÊNCIAS E A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO DE GLOSSÁRIOS EM LIBRAS PARA A EDUCAÇÃO DE SURDOS

ALINE GONZALEZ SALLER¹; RITA DE CÁSSIA MOREM CÓSSIO RODRIGUEZ²

¹*Universidade Federal de Pelotas – aline_saller@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – rita.cossio@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultante do projeto de dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática da UFPel, e tem como objetivo discutir a respeito da importância da produção de materiais de cunho visual para alunos surdos, mais especificamente sobre a da produção de glossários em Libras (Língua Brasileira de Sinais) para o ensino de Ciências.

Ainda existem poucos estudos que contemplam ao mesmo tempo o ensino de Ciências e a educação inclusiva (OLIVEIRA, MELO e BENITE 2012), apesar do grande número de publicações de ambos assuntos separadamente, quase não há trabalhos que indiquem como está acontecendo ou como deveria ocorrer o ensino de Ciências para alunos surdos. Levando-se em consideração que o número de alunos surdos matriculados em classes de ouvintes nas escolas regulares é crescente, e que na maioria dessas escolas o aluno surdo não é respeitado em suas diferenças, necessitando que acompanhar as aulas sem qualquer condição especial para sua aprendizagem, faz-se necessário repensar o ensino de Ciências para alunos surdos, pois eles devem ter sua cultura valorizada em sala de aula.

Estes alunos chegam à escola muitas vezes sem possuir os conhecimentos prévios necessários para a construção de um novo conhecimento, diferente dos alunos ouvintes que tem acesso a reportagens, noticiários, programas televisivos e mesmo conversas em sua língua, além disso, o professor enfrenta ainda outro obstáculo muito importante no processo de ensino e aprendizagem dos alunos surdos que é a falta de sinais específicos para termos científicos, segundo OLIVEIRA (2005, p. 1) “mesmo o professor que sabe Língua de Sinais (LS) necessita de vocabulário específico para comunicar certos conceitos abstratos”. Porém, de acordo com CAETANO e LACERDA (2013) ainda é bastante freqüente não existir correlatos em Libras para muitos termos técnicos ou científicos já que só recentemente as comunidades surdas vêm tendo acesso a estes níveis de conhecimento.

Com isso, de acordo com LACERDA, SANTOS e CAETANO (2013, p.193) “fica clara a dificuldade de se lecionar conteúdos de Ciências Biológicas para alunos surdos, o que não significa, entretanto, que esses não possam ser ensinados de modo eficiente”. Por isso a necessidade de um bom planejamento que busque práticas de ensino adequadas à realidade do aluno surdo, segundo LEBEDEFF (2010), os surdos não querem adaptações, não querem ser representados como simulacros de ouvintes eles desejam uma pedagogia pensada na e para a surdez.

Reconhecendo estes sujeitos como pessoas visuais, é fundamental que se valorize a sua visualidade em sala de aula, e que esta não seja utilizada apenas como exemplificação/ilustração de determinados conteúdos. Contudo, de acordo com LEBEDEFF(2010, p. 192), “há uma carência de práticas reais que permitam aos surdos perceberem-se realmente como sujeitos visuais, e, para perceberem as possibilidades de construção de conhecimento que a experiência visual permite realizar”, o que acaba comprometendo o ensino deste alunos.

2. METODOLOGIA

A pesquisa se desenvolve numa abordagem qualitativa, que segundo BOGDAN e BIKLEN (1982 *apud* LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 13) “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto dos pesquisadores com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”, a qual será realizada como forma de produto final no mestrado profissional no ensino de ciências e matemática da UFPel. Utilizando como metodologia de pesquisa o estudo de caso que segundo LÜDKE e ANDRÉ (1986) é o estudo de um caso particular utilizado quando se quer estudar algo singular que tenha valor em si mesmo.

Para dar conta do pretendido, será produzido um glossário filmado, em Libras, para alguns termos científicos sobre frutificação, tema bastante relevante, porém pouco explorado pela maioria dos professores em sala de aula. Através do qual pretende-se desenvolver uma unidade didática (UD) para uma turma de inclusão do ensino médio, com o objetivo de verificar a sua relevância sendo utilizados como instrumento de coleta de dados questionários (antes e depois da sua aplicação a fim de verificarmos os conhecimentos prévios dos alunos a respeito do assunto e qual a contribuição do glossário para a aprendizagem de novos conhecimentos) e diário de campo da unidade didática também com objetivo de verificar a relevância do glossário.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na maioria dos casos os alunos surdos terão um primeiro contato com os conteúdos das disciplinas durante o período de escolarização, diferente dos alunos ouvintes, que eventualmente acabam tendo acesso a alguns ou muitos dos conceitos, que serão trabalhados posteriormente em sala de aula.

No entanto, de acordo com BARRAL, PINTO-SILVA e RUMJANEK (2012) os surdos não conseguem acompanhar os avanços científicos porque a LS não inclui termos adequados para isso, o que acaba dificultando também o ensino de Ciências. De acordo com BENITE et al. (2009, p. 4) “Considerando que a cidadania se refere à participação efetiva dos indivíduos, tenham eles necessidades educacionais especiais ou não, em todas as esferas da sociedade, torna-se evidente a necessidade do ensino de ciências”.

Assim, para que todos os alunos possam se tornar cidadãos críticos e atuantes na sociedade é necessário que todos tenham os mesmos direitos e acesso à informações, por isso é muito importante para os alunos surdos terem acesso aos conhecimentos científicos e escolares em sua língua, uma vez que a falta de sinais específicos dificulta este acesso, e os conhecimentos que fazem parte do seu cotidiano, como os botânicos, acabam ficando desconexos e comprometidos.

Restringindo-os muitas vezes a aprenderem a escrita ou datilologia do mesmo, sem compreender o seu conceito, além da confusão que pode ocorrer de o aluno aprender um sinal combinado em determinada situação e este sofrer mudanças em outras. Pois, segundo LACERDA, SANTOS e CAETANO (2013) quando não há um sinal convencionado para determinado termo, após a datilologia seguida pela explicação de seu conceito, o ILS junto com os alunos surdos podem pesquisar e criar um sinal facilitando o processo de tradução e compreensão do mesmo.

Constantemente na educação de surdos, a maioria dos professores se depara com muitas palavras que não tem sinal. Para isto muitos professores

em concordância com seus alunos “inventam” novos sinais para palavras específicas de sua disciplina (MALLMANN; GELLER, 2009, p. 7).

Porém, se este aluno muda de instituição e/ou de ILS ou de professor pode acontecer deste usar um sinal diferente do que o aluno havia aprendido previamente, assim ele terá de repreender este sinal seguido do seu conceito. Segundo LACERDA, CAPORALI e LODI (2004) há a necessidade de um aprofundamento em estudos sobre a Libras e a elaboração de dicionários mais completos ampliando a disponibilidade de materiais e conhecimentos, facilitando a prática de ensino para surdos.

Constata-se uma grande escassez deste tipo de materiais didáticos voltados para alunos surdos, segundo SOFIATO e REILY (2013) a maioria dos dicionários de libras existentes foi elaborada por ouvintes, que acabam baseando a estruturação e organização dos mesmos em suas experiências com outros dicionários apresentados na modalidade da língua oral.

Além de escasso o acesso a materiais didáticos tanto de suporte tradicionais como aqueles disponíveis na internet, a maioria destes materiais não contempla elementos básicos da Libras, pois tanto os dicionários quanto os websites de Libras existentes trazem apenas o vocabulário da língua de sinais, e não a língua em uso no contexto comunicativo, além do mais, materiais impressos não contemplam os movimentos e as expressões faciais (LEBEDEFF et al, 2013).

De acordo com estes autores considerando a constatação da escassez de materiais didáticos para o ensino de Libras no Brasil tendo em vista que a Libras é uma língua visual-espacial, o material didático mais adequado é aquele que se apresenta em formato de filmagem. Sendo que a Libras tem como canal de recepção a visão e de expressão o movimento das mãos em consonância com expressões faciais é preciso estar atento a cada elemento que compõe um sinal, para que seja articulado e também compreendido de maneira correta. Por esse motivo, a elaboração de materiais didáticos para o ensino de Libras deve levar em conta tal complexidade e buscar a melhor forma de apresentar os sinais (LEBEDEFF et al, 2013).

4. CONCLUSÕES

Percebe-se, neste contexto, que apesar de em outros momentos ter tido discussões a respeito de materiais visuais, a maioria dos materiais produzidos para o ensino de alunos surdos são impressos, desvalorizando o movimento da LS, além do que não há disponível no mercado, materiais didáticos acessíveis para o ensino de ciências para surdos. Portanto, torna-se necessária a produção de materiais didáticos que priorizem ao mesmo tempo a visualidade e a Libras.

Dessa forma acredita-se que a produção do glossário que não contemple apenas o estudo lexicográfico da Libras e sim, que seja um material para o ensino da Biologia com foco no seu uso em contextos comunicativos, compreendendo os termos biológicos do ensino de Ciências explicados em Libras, estimule o uso dessa língua e a exploração do visual. Por conseguinte verifica-se a importância desse tipo de material para a educação dos alunos surdos. E que a validação de sinais sobre frutificação facilite sua aprendizagem, permitindo que o aluno possa relacionar seu conhecimento com o seu dia a dia, pois consideramos de extrema importância desenvolver aulas voltadas para a realidade destes alunos, de forma bilíngue permitindo uma aprendizagem significativa e efetiva à estes alunos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, W. D.; MELO, A. C. C.; BENITE, A. M. C. Ensino de ciências para deficientes auditivos: um estudo sobre a produção de narrativas em classes regulares inclusivas. **Revista Electrónica de Investigación en Educación emCiências (En línea)**, v. 7, p. 1-9, 2012.

OLIVEIRA, L. A. **A escrita do surdo: relação texto e concepção**. Fev. 2002. Disponível em:<http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=39:a-escrita-do-surdo-relacao-texto-e-concepcao&catid=5:educacao-especial&Itemid=16> Acesso em: 20 Dez. 2015

LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L.F dos; CAETANO, J.F . Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdo. In: LACERDA, C.B.F de; SANTOS, L.F dos (Orgs.) **Tenho um aluno surdo e agora? Introdução à Libras e educação de surdos**. São Paulo, EduFSCar, 2013. p.185-200

LACERDA, C. B. F; CAPORALI, S. A; LODI, A. C. Questões preliminares sobre o ensino de língua de sinais a ouvintes: reflexões sobre a prática. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, 16(1): 53-63, abril, 2004.

LEBEDEFF, T. B. Aprendendo a ler “com outros olhos”: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos **Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel** | Pelotas [36]: 175 - 195, maio/agosto 2010

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986, p. 99

BARRAL, J.; PINTO-SILVA, F. E.; RUMJANEK V. M. Comunicando ciências com as mãos. **CIÊNCIA HOJE | VOL. 50 | 296 Set. 2012**

BENITE, A. M. C.; PEREIRA, L. de L.S.; BENITE, C. R. M.; PROCÓPIO, M. V. R.; FRIEDRICH, M. Formação de Professores de Ciências em Rede Social: Uma perspectiva dialógica na Educação Inclusiva. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**. v. 9, n. 3, p. 1-21, 2009. Disponível em: <> Acesso em 06 nov. 2015

MALLMANN, L; GELLER, M.Um Estudo de Caso com Libras e Signwriting na Educação Sexual através de Mapas Conceituais. **VII Enpec - Encontro Nacional de Pesquisadores em Educação em Ciências**, Campinas 2009.

SOFIATO, C. G; REILY, L. Dicionários e manuais de sinais: análise crítica das imagens. In: LACERDA, C.B.F de; SANTOS, L.F dos (Orgs.) **Tenho um aluno surdo e agora? Introdução à Libras e educação de surdos**. São Paulo, EduFSCar, 2013. p. 149-162

LEBEDEFF, T. B.; ROSA, F. S; SANTOS, A. N. dos; SILVA, I. G, da. O Ensino de Libras para Ouvintes:Desafios para a produção de material didático– In:**VIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística**. Natal, Jan/Fev. 2013